

Ilustração

Portuguesa



2ª Serie - Nº 749
28 de Junho de 1920
20 Cent.

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SÉCULO"

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA
 Propriedade de SILVA GRAÇA, LTD.
 Editor — ANTONIO MARIA LOPES

NUMERO AVULSO, 20 ctv.

ASSINATURAS: Portugal, Colonias portuguesas e Espanha:
 Trimestre..... 2860 ctv.
 Semestre..... 5300 "
 Ano..... 10300 "

Redacção, administração e oficinas: Rua do Sécuro, 43 — LISBOA

INSTITUTO CLINICO DO RADIUM

Direcção tecnica do medico Dr. DECIO FERREIRA

1/2 grama de Radium



Tratamentos pelo Emanatorio e pela agua radioactiva. Raios X, Alta frequencia (Darsonvalização), Banhos hidroelectricos, de Luz e Ar quente, Electroterapia

Tratamento e cura do CANCRO, Angiomas, Nevus vasculares e pigmentares, manchas do vinho, Queloides e cicatrizes viciosas. Tuberculoses cutanea, mucosa, ossea, ganglionar e articular. Lupus, pruridos, neurodermites, acne, eczemas, Fibromas e hemorragias uterinas, Metrites, Uretrites cronicas, blenorragia e suas complicações. Conjuntivites, Ozene. Manifestações terciarias da sífilis. Artrismo, gota, reumatismo, ciática. Asma, diabetes, bocio. Doenças da pele, do coração, nevralgias, nevrites, paralisias, hipertensão arterial, arteriosclerose, dilatação da aorta, tumores, etc., etc. Aposentos para doentes.

RUA GARRETT, 61 — Telef. C.-2:570

U passado, o presente e o futuro revelado pela mais celebre e chiromante fisionomista da Europa



M. ME BROUILLARD

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciencias, quiromancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarolles, Lambrose, d'Arpenigney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onae foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Dá consultas diarias das 9 da manhã às 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobreloja) — Lisboa. Consultas a 18000 reis, 28500 e 38000 reis.

giram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Dá consultas diarias das 9 da manhã às 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobreloja) — Lisboa. Consultas a 18000 reis, 28500 e 38000 reis.



ANEMIA
 DEBILIDADE, NEURASTHENIA, TISICA
 Todos os Medicos proclamam que

• VINHO • **DESCHIENS** (PARIS)
 de Hemoglobina
 CURAM SEMPRE

TRABALHOS TIPOGRAFICOS
 EM TODOS OS GENEROS

Fazem-se nas oficinas da "ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA"
 Rua do Sécuro, 43 — LISBOA

CULTURA ESTETICA

A mulher consegue aperfeicoar-se como uma Venus, consultando MADAME CAMPOS Directora da

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

Avenida da Liberdade, 23

Telefone 3541

CONSULTAS GRATUITAS ENVIANDO ESTAMPILHA

Companhia do PAPEL DO PRADO

Sociedade anónima de responsabilidade limitada

Ações.....	360.000\$00
Obrigações.....	284.220\$00
Fundos de reserva e amortização.....	380.000\$00
Escudos.....	1.024.220\$00

SEDE EM LISBOA. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianala e Sobrelrinho (Tomar), Penedo e Casal de Herminio (Lousã Vale Maior (Abergaria-a-Velha). Instaladas para uma produção annual de 6 milhões de quillos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeicoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papéis de escrita, de impressão e de embrulho, Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer quantidade de papel de maquina continuo ou redonda e de forma. Fornece papel ac mais importantes jornais e publicações periódicas do país e é fornecedora exclusiv das mais importantes companhias e empresas nacionaes. — Escritorios e depositos LISBOA, 270, rua da Princesa, 276. PORTO 49, rua de Passos Manuel, 51. — Enderec telegrafico em Lisboa e Porto: — Companhia Prado. — N.º telef. : Lisboa, 065. Porto, 117

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL DE «O SÉCULO»

II Serie — N.º 749

Lisboa, 28 de Junho de 1920

20 Centavos

CRONICA

TOURADAS

Se nos perguntarem por que motivo assistimos a espectáculos tauromaquicos, não sabemos responder; duas ou tres vezes por ano lá vamos e outras tantas nos arrependemos de não ter passado a tarde mais utilmente, sem com isto quererms significar que tal diversão nos repugne em absoluto. A verdade, pelo menos quanto ao que em nós se passa, é que uma tourada regular, isto é, que contente os entendidos, não prima pela variedade dos lances: se o gado é bravo e os artistas são bons, vêr correr tres ou quatro bois é vêr a corrida completa...



A do ultimo domingo, na praça do Campo Pequeno, apresentava-se com um atractivo inédito para o publico, qual era o de um certame de «pégas», com premios pecuniarios para o grupo de forcados que maiores provas de valentia desse— e confessamos que esse facto logrou por momentos fazer-nos sair da indiferença com que habitualmente presenciamos as touradas: tendo-se chegado ao 8.º touro, sem uma «péga» rija, apenas com algumas «cernelhas» pouco aparatosas, os espectadores, depois de recolhida a fera, porque o «inteligente» reconheceu que as capas não conseguiriam fatiga-la suficientemente, obrigo-n-a a entrar de novo na arena, anciosos por que mordessem o pé e ficassem inutilizados os pobres homens que ali tinham ido disputar a posse d'algumas dezenas de escudos. Efectivamente o primeiro forcado que se atreven com o touro foi volteado rapidamente e recolheu á enfermaria, em misero estado; seguiram-se-lhe dois colegas sem resultado melhor e então os entusiastas deram-se por satisfeitos.

Saimos antes da entrada do 9.º touro, porque tinhamos visto o maximo em ferocidade.

AMERICANOS

Continuam a visitar-nos os navios americanos, é vivissima a cordialidade com que recebemos os marinheiros, mas vai-se reconhecendo que eram exageradas certas esperanças que logo depois da guerra por aí se manifestaram a cada canto; os grandes armazens flutuantes, de pórtio em pórtio, a invasão de milhões de pares de calçado barato, quarteirões de edificios trespassados por quantias fabulosas, o nobre exemplo da actividade moderna a insuflar vida nos organismos apaticos, tudo isso parece não ter passado d'uma linda fantasia, d'um esplendido sonho, criado e desfeito com a rapidez com que os costuma mos criar e desfazer.



Se a desilusão vier definitivamente, não deixará, contudo, de ser proveitosa. Vêr-nos-hemos coagidos a utilizar os recursos proprios e reconheceremos então, com assombro, que os temos em abundancia.

AUTOMOVEIS

Noticiaram os jornais que ha dias atravessou as ruas, doidamente, um automovel fantastico, atropelando toda a gente, galgando obstaculos, despedaçando o que encontrava. Automovel da morte lhe chamaram— e é de estranhar que só agora os periodicos tivessem dado por ele, porque semelhante monstro ha anos que percorre a cidade, com essa velocidade de vertigem, ha anos que aleijaa mata pessoas quasi diariamente e faz todas as tropelias que só recentemente se lhe atribuem. E' certo que o bruto muda de «chauffeur», usa numerosos diversos e varia de fórma, mas pelas açções que comete reconhece-se que é sempre o mesmo, não se percebendo até porque recorre a tais disfarces visto como tão costumados estamos a ele, que já o vemos com benevolencia e que, se nos faltasse, talvez o recordassemos com saudade.



Ainda ha poucas horas o vimos a descer o Chiado, como um raio e a voltar para a rua do Almada, com tanta rapidez, que o policia ali dee serviço apenas teve tempo para cumprimentar o «chauffeur», com um dos seus melhores sorrisos.

LIVROS

O sr. dr. Armando Narcisso acaba de publicar um interessantissimo estudo, que intitulou «A evolução da crenoterapia e as aguas medicinais portuguezas», volume de 200 pagginas, que é como que o prefacio de obra de maior folego, prometida n'uma nota do mesmo livro. O sr. dr. Oliveira Luzes, nas palavras com que o antecede, faz-lhe as mais elogiosas referencias e, na verdade, mesmo os leigos em ciencias medicas lhe reconhecem as qualidades, derivadas de aturada e conscienciosa investigação, aliada a uma rara facilidade de expôr.



Deve estar para breve o complemento da obra, pois que o autor, segundo diz na referida nota, o tentará se a edição d'esta se esgotar, o que nos não parece duvidoso.

Acacio de Paiva.

(Ilustrações de Rocha Vieira)

A EXPRESSÃO DAS EMOÇÕES EM ALGUMAS ESCULTURAS DA ANTIGUI- DADE CLASSICA

por
Henrique de Vilhena

Colabora hoje na «Ilustração Portuguesa» o sr. Dr. Henrique de Vilhena, ilustre professor da Faculdade de Medicina de Lisboa e o autor consagrado do volume «A expressão da cohera na literatura». O estudo de hoje é mais um original e interessante trabalho de critica do artista e do professor.

I



Não obstante o que pretendem bastantes criticos de arte, já em umas poucas das «esculturas da antiguidade egípcia e caldaica» se pode ver uma expressão emocional.

Na «Grande Esfinge», das Pirâmides de Gizeh, na fixidez e extensão do seu olhar, naqueles seus olhos bem abertos, na órbita largamente marcada

em cima pelas sobrancelhas, ha uma atenção lançada para a imensidade, para o espaço e o tempo. No admira-

ravel «Escriba sentado», que se encontra no Museu do Louvre, ha tambem uma sensível expressão de atenção. O olhar, bem iluminado, está fixo em alguma coisa de proximo, talvez o escultor; ha nele um vago movimento espirital, uma fugitiva me-



A grande esfinge e as pirâmides de Gizeh



Estátua do rei Ramsés II
(Museu de Turim)

ditação; as narinas e todo o andar médio da face parece que respiram esse impulso ingénuo do sentimento.

¿ Pois não sorri um pouco, ainda que de leve, o rei Ramsés II do templo de

Karnak, e não sorrirá igualmente a sua bela cabeça, na total postura hierática do corpo, na estátua do Museu de Turim ?

No «Cheikh el Beled» do Museu do Cairo, interessantissima estátua de madeira, ha um esplendido olhar de semi-êxtase, e em toda a cabeça um meio sentimento de superioridade, de um tanto de contentamento de si proprio, sublinhado por uma bela boca entre bonhômica e desdenhosa.

Ainda outros leves sorrisos, êxtases ou semi-êxtases ou olhares de cego, mais expressões no olhar de atenção infantil e fixa; aqueles membros inferiores, nas mulheres, restrictamente unidos, acusando,

mesmo sem o parecer, emoções latentes, relacionadas com a compostura do aspecto, com a estética da forma e da atitude, o sentimento sexual, e enfim com a vida de relação que foi grandemente emotiva, mesmo sobre o rígido hieratismo social e artistico,—mostram bem que a expressão das emoções não deve considerar-se estranha á escultura egípcia.

II

¿ E para a escultura caldaico-assíria?

Na estátua de Assurnazirabal, do Museu Britânico, ha na boca um sorriso um tanto duro e tris-



Escriba sentado (Museu do Louvre)



Sarcófago antropolóide (Louvre)

te e nos olhos alegria benévola, sorriso de benevolência (porque os olhos também podem sorrir) que contrasta com a expressão bucal. Ainda uma certa projecção superior do olhar e a franca abertura das palpebras lhe imprimem assim um ar a modos de contemplativo. Hapouca suavidade ou harmonia no conjunto da expressão, mas bem se compreende que o artista mal-à-vontade se sentiria para esculpir um rei ou reis tão poderosos e despóticos assim como os da Assíria e Babilónia.

Mas que os seus artistas possuíam a intuição da expressão das emoções, especialmente as violentas, a ira agressiva, o grande sofrimento físico e a morte como seu termo e resultado, prova-se bem em bastantes dos seus animais esculpidos, particularmente alguns leões, dos quais são afamados um leão e uma leoa do Museu Britânico. O leão, ferido com um dardo por cima da espádua, assente ainda sobre os quartos trazeiros e firmado nas patas anteriores retetzadas, tem as orelhas lançadas para trás, a cabeça baixa, a boca aberta deixando safr, sem duvida, uma golfada de sangue, e nos olhos um susto, uma cólera, uma ansiedade! E a leoa, ainda



O rei Ramsés II (Templo de Karnack)

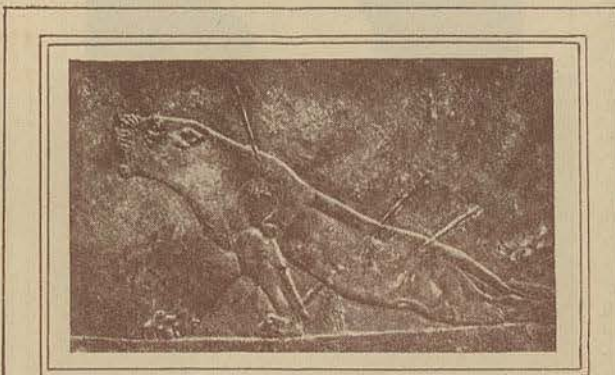
mais bela, mal ferida por uns poucos dardos, tem já prostrados e de rastos os membros posteriores, mas o corpo alonga-se numa última projecção para a vida, os membros anteriores tentam a marcha e o arranco, o corpo estende-se e a cabeça é supremamente forte, colérica, dolorosa, e, certamente num derradeiro instinto de defesa das crias, o nobre animal expele um bramido de dor e ameaça...



Assurnazirabal (Museu Britânico)

Conhecemos também, do Museu Britânico, uma caçada ao leão, do antigo palácio do monarca Assurnazirabal, e ali se vê um leão já ferido, multiplamente perseguido e perseguidor, forte, resolutivo, colérico e ameaça todo ele, sendo realmente, pela energia e liberdade da sua emoção, no quadro a criatura dominadora. No mesmo baixo relêvo um outro leão já prostrado, parecendo ainda arrastar-se, na boca um grande ricto de expressão mortal, ali avulsa pelo que inspira de sentimento doloroso, pela soberba magestade e força rendida, vencida.

Os artistas que assim podiam retratar as temerosas agonias e as violentas cóleras das feras, indubitavelmente só reprimidos pelo receio actual e a obediência, e, não que respeita a



O leão ferido. (Baixo relêvo assírio)



A caça do leão. (Antigo palácio do rei Assurnazirabal)

(Museu Britânico)



Joven spartana
(Vaticano)

equivalentes de ordem e regra.

III

Pode reconstituir-se uma evolução da expressão emocional da «escultura grega», de antes de Fidias até á helenística, partindo das notas que em seu belo livrinho, o «Apolo», tem Salomão Reinach sobre a expressão em algumas das esculturas desse largo período. Essas notas não pretendem aliás, proxima e decididamente, marcar a dita evolução. Aqui, se algum mérito tivermos, será o de coligir esses elementos de crítica artística, de os comentar e desenvolver, de os corrigir e completar num ou noutro ponto segundo o nosso critério, para o efeito de um pouco definir a dita evolução.

A «Victoria» arcaica de Delos (550 a. n. Cristo) corre e sorri francamente. Sorriem a sua boca e os seus olhos numa expressão entre ingénua e irónica. Em algumas das «Orantes», descobertas em 1886 na Acrópole, ha sorrisos que seduzem, olhares suaves e humidados, não obstante a rigidez das atitudes.

Pelo fim do século IV e principio do V a escultura começou a mostrar-se «individual», representando também «individuos» e não apenas «tipos». Mau grado o que pretende o illustre crítico de arte e arqueólogo acima citado, não se teriam talvez quebrado os «moldes» dos tipos, — sem embargo, sem duvida, de começar a fazer-se a modelação dos individuos. Este facto possui uma grande importancia, para a evolução da expressão emocional, porquanto como dissemos em tempo, a dita expressão «delinea figuras precisas, recorta simbolos plasticos concretos». E é assim também verdadeiro, como se comprehende, que figuras que plasticamente se concretizam, facilmente ou mais facilmente se disporão á expressão emocional.

Podeis olhar para o «Guerreiro ferido», do fron-

arte, pelas suas tradições e obrigações hieráticas, não deixavam, quando punham o homem em representação, de ser rigidos e simbólicos. E como para o homem para o cavallo, amigo e companheiro na guerra, o qual exprimiam juntamente em teoria de movimentos, em atitudes

tão oriental do templo de Afaia em Egina, em que a atitude do corpo prostrado é emocionante e emocionada, e reconhecereis todavia que a expressão da sua cabeça não tem emoção. No conhecido «Discobolo» de Miron, não obstante os seus gestos e a atitude de uma energia e viveza eloquentes, a cabeça, aliás nobre, não tem a vibração do esforço, o calor e a vivacidade que corresponderiam a um moço que se entrega a um exercicio de certa violencia em uma livre expansão física. Na «Luta dos centauros com os Lapitas», do frontão ocidental do templo de Zeus em Olimpia, há também uma excelente composição dos corpos, expressiva do ataque e da defesa, mas as fisionomias estão longe de acompanhar este belo impulso de acção e vida material.

Uma figura da estatuária grega pode bem simbolisar a fase de transição desta já aliás tão bela expressibilidade corporal para uma outra em que o sentimento começa transparecendo luminosamente nas fisionomias. É a «Jovem espartana» do Museu do Vaticano. Ela tem um modelado muito puro e na atitude e nos movimentos da sua marcha gentil e cautelosa há uma expressão encantadora, de delicadeza, de cuidado, e o seu rosto inclina-se um pouco, atento, suave, gracioso.

Policleto parece ter sido o inovador, na escultura, de uma franca expressão de repouso, na posição de pé, consistindo, como vulgarmente se realiza, na sustentação do peso do corpo sobre um dos membros inferiores, ficando o outro em pequena flexão e apenas apoiado levemente no solo. Esta modalida-



O lançador de disco
(Vaticano)

de na atitude é realmente importante no ponto de vista da expressão emocional. Os artistas começavam tendo a intuição da nuance expressiva, e, no caso particular, concebiam que certas atitudes que tomavam por serem de repouso eram realmente representativas de acção e que o repouso físico tem graus e qualidades especiais que se podem exprimir. Estamos assim aproximando-nos da expressão emocional mais harmónicamente distribuída por todo o



Apolo sauroctono
(Vaticano)

corpo, pelos diferentes gestos, e é razoável dizer que a escola de Fídias, sem embargo e antes conciliando-se com a bela dignidade das suas concepções, representa, de um modo inteligente, a mais calma e sóbria feição desse lúcido conceito da geral harmonia expressiva.

17

Ainda que plácidos e socegados não são emocionalmente indiferentes os rostos de «Poseidon», Diôniso e Peitho» do friso oriental do Parténon. Em Dió-



Poseidon, Dionisos e Peitho
(da Parténon em Atenas)

vigilante, a orla bucal é subtilmente sorridente e o olhar, lançado ao longe, é fino e fixo. Na bela cópia de uma «Atena» atribuída a Fídias, restituída por Furtwaengler, juntando a um corpo decapitado do Museu de Dresden uma cabeça que se encontrava e talvez ainda se encontre em Bolonha, vê-se que a referida cabeça pende levemente, anstera, doce e reflectida, e com ela bem se condiciona o simples e casto vestuário e atitude de quietação e serenidade.

Na maravilhosa «Vénus de Milo»,



Venus de Médicis
(Florença)

niso ha uma doce e calma atenção no seu rosto voltado para Poseidon. E em todos uma sóbria expressibilidade nos gestos que condiz com a das fisionomias.

que justamente se pode considerar da escola de Fídias, pois nela transluzem das mais elevadas qualidades de Fídias e seus discipulos, vê-se dignidade, calma, sim-



Venus de Milo (fragmento)
Museu do Louvre

N'uma estatuetta de «Atena Prómacos» (do Museu de Boston, e que Reinach julga uma reduzida cópia da Atena Prómacos do Parténon), conjugando-se á compostura de guarda



Venus de Milo
(Louvre)

plicidade, serenidade, mas elas mostram-se, como diremos emocionais, de uma emoção sem nenhuma indiferença, e aliás subtil, com grande enconta, com uma delícada sedução.



Joven spartana
(Vaticano)

equivalentes de ordem e regra.

III

Pode reconstituir-se uma evolução da expressão emocional da «escultura grega», de antes de Fídias até á helenística, partindo das notas que em seu belo livrinho, o «Apolo», tem Salomão Reinach sobre a expressão em algumas das esculturas desse largo período. Essas notas não pretendem aliás, próxima e decididamente, marcar a dita evolução. Aqui, se algum mérito tivermos, será o de coligir esses elementos de crítica artística, de os comentar e desenvolver, de os corrigir e completar num ou noutro ponto segundo o nosso critério, para o efeito de um pouco definir a dita evolução.

A «Victoria» arcaica de Delos (550 a. a. Cristo) corre e sorri francamente. Sorriem a sua boca e os seus olhos numa expressão entre ingénua e irónica. Em algumas das «Orantes», descobertas em 1886 na Acrópole, ha sorrisos que seduzem, olhares suaves e humidos, não obstante a rigidez das atitudes.

Pelo fim do século IV e principio do V a escultura começou a mostrar-se «individual», representando também «individuos» e não apenas «tipos». Mau grado o que pretende o ilustre crítico de arte e arqueólogo acima citado, não se teriam talvez quebrado os «moldes» dos tipos, — sem embargo, sem duvida, de começar a fazer-se a modelação dos individuos. Este facto possui uma grande importancia, para a evolução da expressão emocional, porquanto como dissemos em tempo, a dita expressão «delinea figuras precisas, recorta simbolos plasticos concretos». E é assim também verdadeiro, como se compreende, que figuras que plasticamente se concretizam, facilmente ou mais facilmente se disporão á expressão emocional.

Podeis olhar para o «Guerreiro ferido», do fron-

arte, pelas suas tradições e obrigações hieráticas, não deixavam, quando punham o homem em representação, de ser rígidos e simbólicos. E como para o homem para o cavallo, amigo e companheiro na guerra, o qual exprimiam juntamente em teoria de movimentos, em atitudes

tão oriental do templo de Afaia em Egina, em que a atitude do corpo prostrado é emocionante e emocionada, e reconhecereis todavia que a expressão da sua cabeça não tem emoção. No conhecido «Discobolo» de Miron, não obstante os seus gestos e a atitude de uma energia e viveza eloquentes, a cabeça, aliás nobre, não tem a vibração do esforço, o calor e a vivacidade que corresponderiam a um moço que se entrega a um exercício de certa violência em uma livre expansão física. Na «Luta dos centauros com os Lapitas», do frontão ocidental do templo de Zeus

em Olimpia, há também uma excelente composição dos corpos, expressiva do ataque e da defesa, mas as fisionomias estão longe de acompanhar este belo impulso de acção e vida material.

Uma figura da estatuária grega pode bem simbolisar a fase de transição desta já aliás tão bela expressibilidade corporal para uma outra em que o sentimento começa transparecendo luminosamente nas fisionomias. E' a «Jovem espartana» do Museu do Vaticano. Ela tem um modelado muito puro e na atitude e nos movimentos da sua marcha gentil e cautelosa há uma expressão encantadora, de delicadeza, de cuidado, e o seu rosto inclina-se um pouco, atento, suave, gracioso.

Pofieletto parece ter sido o inovador, na escultura, de uma franca expressão de repouso, na posição de pé, consistindo, como vulgarmente se realiza, na sustentação do peso do corpo sobre um dos membros inferiores, ficando o outro em pequena flexão e apenas apoiado levemente no solo. Esta modalida-



O lançador de disco
(Vaticano)

de na atitude é realmente importante no ponto de vista da expressão emocional. Os artistas começavam tendo a intuição da nuança expressiva, e, no caso particular, concebiam que certas atitudes que tomavam por serem de repouso eram realmente representativas de acção e que o repouso físico tem graus e qualidades especiais que se podem exprimir. Estamos assim aproximando-nos da expressão emocional mais harmónicamente distribuída por todo o



Apolo sauroctono
(Vaticano)

corpo, pelos diferentes gestos, e é razoável dizer que a escola de Fídias, sem embargo e antes conciliando-se com a bela dignidade das suas concepções, representa, de um modo inteligente, a mais calma e sóbria feição desse lúcido conceito da geral harmonia expressiva.

17

Ainda que plácidos e socegados não são emocionalmente indiferentes os rostos de «Poseidon», Diônisos e Peitho do friso oriental do Parténon. Em Dió-



Poseidon, Dionisos e Peitho
(da Parténon em Atenas)

vigilante, a orla bucal é subtilmente sorridente e o olhar, lançado ao longe, é fino e fixo. Na bela cópia de uma «Atena» atribuída a Fídias, restituída por Furtwaengler, juntando a um corpo decapitado do Museu de Dresden uma cabeça que se encontrava e talvez ainda se encontre em Bolonha, vê-se que a referida cabeça pende levemente, austera, doce e reflectida, e com ela bem se condiciona o simples e casto vestuário e atitude de quietação e serenidade.

Na maravilhosa «Vénus de Milo»,



Venus de Médicis
(Florença)

nisos ha uma doce e calma atenção no seu rosto voltado para Poseidon. E em todos uma sóbria expressibilidade nos gestos que condiz com a das fisionomias.

que justamente se pode considerar da escola de Fídias, pois nela transluzem das mais elevadas qualidades de Fídias e seus discípulos, vê-se dignidade, calma, sim-



Venus de Milo (fragmento)
Museu do Louvre

N'uma estatueta de «Atena Prómacos» (do Museu de Boston, e que Reinach julga uma reduzida cópia da Atena Prómacos do Parténon), conjugando-se á composição de guarda



Venus de Milo
(Louvre)

placidez, serenidade, mas elas mostram-se, como diremos emocionais, de uma emoção sem nenhuma indiferença, e aliás subtil, com grande encanto, com uma delicada sedução.



Hermes
(Museu de Olimpia)

Vêde como é feminina, sexual! Como repousa num dos membros inferiores, salientando o quadril, e avançando e aduzindo o joelho oposto, em uma atitude e expressibilidade que são bem da Mulher! Nela tudo respira a emoção de uma plena saúde física, natural e benéfica, assim como a das plantas, a da terra, a da natureza!

Praxíteles e a sua escola (sec. IV) acrescentaram em doçura e suavidade intencionais, áquela harmonia geral da expressão que se definira com a escola de Fidias. O «Apolo sauroctono» do Museu do Vaticano, cópia de uma estátua de Praxíteles, é gracioso e delicado no gesto e na inclinação gentil da cabeça, e em toda a sua atitude e conformação ha o sentido de uma finíssima elegancia. O «Fauno» do Museu Capitolino, em Roma, de uma plastica menos viril, tem na boca um meio-sorriso atraente, e no todo qualidades identicas de doçura e encanto. A «Vénus de Médicis», de Florença, cópia de uma obra de Praxíteles, exprime pelo gesto das suas mãos uma emoção do pudor, também graciosa e elegante, conciliando-se com a posição da cabeça em que não ha o receio mas uma facil e serena curiosidade. No «Hermes», do Museu de Olimpia, ha ternura no modo como olha o pequenino Dionísio, que Zeus lhe confiara; a cabeça é realmente cheia de sentimento interior, pelo geito da posição, pelo olhar, a fugitiva expressão bucal, e as linhas fisionómicas; ha ali o carinho, uma facilidade e um desejo de protecção, a reflexão, uma certa consciéncia de mérito pessoal, tudo justificando bem a confiança de Zeus.

Assim se mostra purificada e sensibilizada a expressão emocional, tendo podido Praxíteles, com o seu génio admiravel, contribuir maravilhosamente para esta fase tão importante da evolução da escultura.

Mas em Scopas (tambem do sec. IV) aparece um sentido um tanto doloroso da expressão emocional, o que é realmente uma innovação na escultura, e que talvez fosse simultânea com uma identica originalidade na pintura e no desenho. Nem nas obras da escola de Fidias e de Praxíteles (ou assim julgadas), nem em Miron e Policleto, nem na escultura grega arcáica, e na egípcia e assíria, quando representava o ser humano, se encontra propriamente uma in-

tencionalidade qualquer de expressão dolorosa moral. As cabeças que são do cinzel de Scopas, dos frontões de Tejen (na Arcádia), possuem dor moral nos olhos profundos, nas órbitas e sob a fronte, na linha das sobrancelhas que ascende um pouco para dentro, no olhar parecendo erguido, no desenho da boca de labio superior um tanto levantado na parte medial e na também delicada ascensão das azas do nariz. Ha ainda contudo, nessas belas cabeças de Scopas, um sofrimento relativamente sóbrio e discreto.

Nelas se deve justamente achar, e admitindo que não se tenham perdido semelhantes documentos anteriores, o melhor germen da concepção da expressão dolorosa no ser humano, moral e física, traduzida pela escultura, pela criação estatuaría da «Niobe e seus filhos» e do «Lacoonte». Bem se pode dizer que a cabeça da «Niobe», do grupo que ela forma com uma das filhas, o qual se encontra em Florença, é de Scopas ou de um seu próximo discípulo. Nela se veem os caracteres do sentimento que Scopas, em as cabeças de Tejen, tão flagrantemente pode manifestar.

Tambem, sem duvida, não será errado pretende-la helenística, assim como «Lacoonte», pois, quanto a nós, o que a escultura helenística pode exprimir de mais intenso e original, no que respeita á emoção, deriva de Scopas. Em Lisipo, um pouco posterior a Praxíteles e Scopas, e que foi o escultor de Alexandre o Grande, ha um outro sentimento. Diliamos um Miron mais culto e gracioso, ou um Policleto de acção mais vivaz. Ele não tem a

espiritual suavidade de Praxíteles, nem a discreta dignidade de Fidias, nem a nuança dolorosa de Scopas. Tem um sentimento conciliando uma certa graça e subtileza que ainda fazem pensar comtudo na influencia de Praxíteles, com a beleza e correção corporal e um sentido de acção imediata e pratica.

O «Apoxiomenos» ou «Atleta do estrigilo», do Vaticano, cópia de um bronze de Lisipo, o «Atleta» ou o chamado «Imitador Borghese», do Louvre, provavelmente segundo Lisipo, acrescentam a Miron e a Policleto a cultura e a vivacidade.



A Vitoria de Samothryase
(Museu do Louvre)



O Atleta
(Vaticano)

Policleto bem se pode representar pelo seu «Dorífero», do Museu de Nápoles, e no «Apoxiomenos» distinguimos bem o que ali se juntou de movimento actual e de contingente individualidade. No «Lutador», mais que no «Discóbolo» de Miron, se vê acção despreendida, projecção exterior, compreensão, inteligência. E se é licito considerar a «Grande Herculanense», do Mu-



Laocoonte
(Museu do Vaticano)

dos Gregos com as Amazonas, manifesta-se uma grande intensidade de movimentos e uma emoção agressiva multiforme e vivíssima; sem dúvida se não encontram equivalentes nos baixos relevos das épocas anteriores.

Estas esculturas, bem como as referidas «Nióbidas» e a «Victória de



O Faunus de Praxiteles
(Roma)



Nobe e seus filhos
(Florença)

seu de Dresde, uma réplica de uma obra de Lisipo, é então razoável dizer também que, pelo menos em uma época da

Samotrácia» (fim do século IV), esta última pela marcha fácil e vigorosa, a atitude triunfante, o movimento domina-

sua vida, Lisipo se pode inspirar em Fídias e Praxiteles e conseguiu aquela admirável comunhão plástica de alguma das suas qualidades mais extremas.

V

No célebre Mausolen de Halicarnasso, em que para ao meado do século IV tra baharam Scopas, Leocares e outros escultores, nos baixos relevos dos frisos em que se representam as lutas



Athena, dominando os gigantes
(Museu de Berlim)

dor, estabelecem bem a transição para a expressão emocional da escultura helenística (da época depois da morte de Alexandre, no ano 323), em que a emoção dolorosa é mais violenta, e que se pode caracterizar pelo conhecido «Laocönte» e pela «Atena dominando os Gigantes», do friso do templo de Pergamo.

Mas do século IV outras manifestações da expressão emocional, agora doce, melancólica e suave, e em que parece haver um mixto de Fídias, Praxiteles e Scopas, puderam felizmente chegar até nós. Veem-se nas lápides funerarias onde ha rostos de uma discretíssima melancolia, cabeças sandosamente inclinadas. Não menos que nas obras da escultura helenística ou das que para ela transitam, nas quais se distingue o que se não vira nas idades anteriores, a expressão de um sentimento de força que se impõe, e de revolta e de dor que não teme expandir-se, aquelas lápides funerarias impressionam como documento de uma fase interessantíssima da expressão emocional na escultura. Se as primeiras marcam o esquecimento e talvez o desdem da olimpica magestade e da mesma serenidade, que tanto Fídias procurou e que o Grego, quanto a nós, pareceu mais desejar que possuir, as segundas assinalam a inva-

ção que se vai tentando, da vida consciente da alma, da reserva moral, da preocupação interior, da dor discreta no sentimento delicado. Platão passara por aquelas almas. Já, sobre elas, o doce rosto de Antígone, chorara e sorriera. Eurípides também de si mesmas pudera adverti-las.

E então, apesar de o não parecer, que a serenidade começa porque começou a contemplação interior; e que o Grego, sem embargo de ser já incapaz de produzir na sua escultura obras como a de Fídias, em parte exactamente porque principiou a compreender o que este procurava e apenas de certo modo sentia, não se intimida, mas antes, com arrojo e também com prazer suave, nos transmite o que era já o seu pensamento interior: sentimento discretamente doloroso pelo que termina e afectou com alegria a sua alma, e dor mais violenta e revolta contra as prepotencias inintelligentes e os poderes brutais? E este espirito nunca mais deixará a humanidade, e definir-se-ha mais tarde acrescentando-se então todos os ditames de uma religião de piedade e amor.

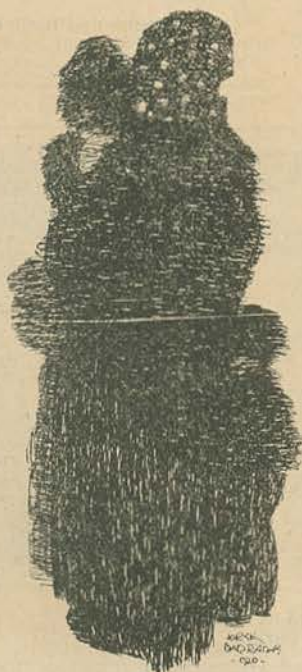
VI-1920.

OUTONO

SONETOS

DE

CANDIDO GUERREIRO



Desenho de Jorge Barradas.

I

*Folhas caídas, pranto vegetal,
— Um, coraçõesinhos de creanças,
Outras, punhais ou pequeninas lanças,
Espadas d'oiro que não fazem mal...*

*Nas vinhas são de púrpura real...
— Contae, ó aves e oliveiras mansas
Quem derramou o sangue das matanças...
— Quem te abriu chagas, solitario vale?...*

*Folhas caídas, folhas amarelas...
Folhas mortas?... Jámais... Pelo caminho
Toca-as o vento e sobem ás estrelas...*

*Outono... — Versos pálidos, não vês?...
São folhas secas em redemoinho,
São oiro e sangue que te lanço aos pés...*

II

*Outono... Versos... Nuvens do sol posto...
Já nas altas janelas em ruínas
A noite entreabriu essas cortinas
O deixa ver o macerado rosto...*

*— Ó lágrimas do rei Lear deposto,
Que mãos piedosas de Cordelia, finas,
Vos mudaram em rosas matutinas?
Quem floriu amendoeiras em agosto? —*

*Em vão, porem! em vão! — Águia sombria,
Meu coração! arroja-te na altura,
Mergulha no tufão e desafia*

*No teu ultimo vôo a imensidade,
E sê o turbilhão, sê a loucura,
E mata-te e desfaz-te em tempestade...*

Uma Grande Atriz que Desaparece

Morreu Rejane. Foi uma grande atriz, sabem-no todos. Sabem-no os que a conheceram através de todas as suas infinitas criações, sabem-no os que as viram representar em Paris, em Londres, em Madrid, em New-York, em todo o mundo. Nascida em Paris, contava atualmente 63 anos e desde 1875, em que se estreou no «Vaudeville», representou as melhores, as mais belas e mais gloriosas peças do seu repertório francez. Em 1897 esteve pela primeira vez entre nós. Representou em S. Carlos e das peças que interpretou lembram-nos a «Ma Cousine», «Madame Sans-Gêne», «Sapho», «La Parisienne», «Lolotte» e «Zazá».

Em 1907 voltou novamente e no D. Amelia fez, entre outras, a «Zazá», que foi um successo. Por essa ocasião foi-lhe oferecida uma festa e inaugurou-se no «foyer» uma lapide. O que essa festa foi lembram-

se todos ainda e ainda recordam a emoção artistica que a vinda da Rejane produziu. Representou n'essa ocasião, se bem nos recordamos, «La

Passarelle», «Lisa Rafale», «Les deux mesdames Delouse», «Lolotte» e «Raffles», despedindo-se com «Les Souris», uma das suas criações mmais applaudidas. Sabem todos que ela foi a interprete ideal das peças patrioticas, em que era preciso fazer vibrar o sentimento patriótico. Acaba pois, de perder uma das suas notabilidades, uma das suas maiores glórias, a cena parisiense, o teatro francez, a arte de todo o mundo. Mas é lei inevitavel. Tudo cessará e a Morte tudo hade de tragar. Apenas a Arte fica e por isso o nome de Rejane será immortal.



1. Caricatura de Nerman—2. Um velho retrato—3. Rejane caricatura de Canillo—4. Rejane na peça A Cadeira n.º 13, que ultimamente se representou em Lisboa.



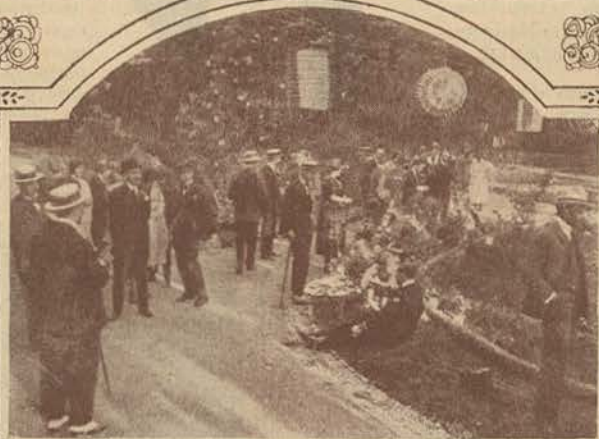
A "VERBENA"
DE CARIDADE

NOS



Jardins do
Palacio da
Legação
de HESPAÑHA

A nota aristocrática da semana denota a Legação de Hespanha, realizando nos seus jardins uma «verbena» de caridade. Organizou-a o sr. ministro de Hespanha e «madame» Padilla e foi concorrida pelas melhores famílias da colonia hespanhola e da nossa velha nobreza. Fez-se leilão de prendas e a «coupletista» Carmen



Castillo e a bailarina «La Troyana» deliciaram a assistência com varios bailes e canções. Interessante festa a todos os respeitois. E a nota multicolor dos «mantons», engalanando figuras de mulher, dava aos jardins um ar de festa inedita, bizarra, requintada, que sabendo bem aos pobres, deixou em todos uma saudade inolvidavel.



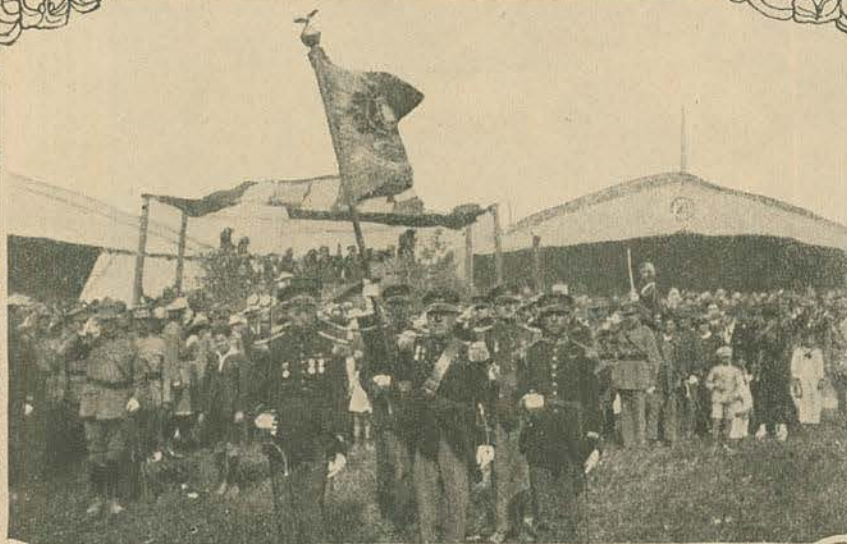
A bailarina «La Troyana» e a «coupletista» Castillo.—Um dos aspectos da festa.— A assistência («Clichés» Serra Ribeiro).



Interessante grupo tirado na «verbenas» da Legação de Hespanha em que, entre outras, se veem as ex.^{tas} sr.^{as}: (no primeiro plano) D. Arcelina Valente (Taboira), D. Maria Ana Davidson Perestrelo de Vasconcelos, D. Maria Tereza Burnay y Verda (Malros), D. Vera Pinho de Moraes Sarmento Cohen, D. Eulalia S. Castro e D. Manuela Nogueira.—1.º pé: D. Maria Padilla, D. Rese e D. Gena Padilla, D. Carmen Salentegui, D. Maria Pereira, D. Maria Francisca, D. Maria do Carmo Melo Vilar e D. Maria de Meio Vilar.—(Chiché Serra Ribeiro).

Aviação Militar

A ENTREGA DA BANDEIRA DO GRUPO DE ES- QUADRILHAS «REPUBLICA»



A guarda de honra á bandeira



O sr. ministro da guerra presidindo á cerimonia



Marcha em continência

No campo de aviação da Amadora realison-se a entrega solene da bandeira oferecida ao grupo de esquadrihas «Republica» em nome da cidade pela Camara Municipal.

A cerimonia assistiu grande numero de officaes de terra e mar e contingentes de todas as forças da guarnição da capital.

A bandeira, que se guardava dentro de uma artistica pasta de seda vermelha, decorada com as armas da cidade, a cruz de guerra e as azas da aviação, foi colocada no suporte pelos srs. ministro da guerra, presidente do senado municipal e comandante do grupo de esquadrihas, ao mesmo tempo que os clarins tocavam a marcha de guerra, se executava a Portuguesa e as peças começavam a sua salva de 21 tiros.

O chefe do governo, em nome do sr. Presidente da Republica, leu um discurso, a que se sucederam outros oradores; as forças desfilaram em continência e os aviões levantaram vôo, sulcando o azul do espaço e cabriolando em vistosas e perigosissimas acrobacias.

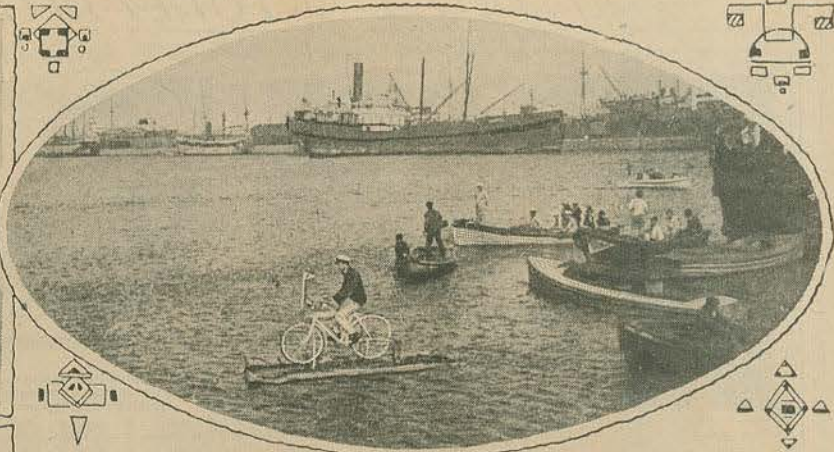
Foi uma bela, patriótica e interessante festa.



ATUALIDADES



Francisco da Silva Passos



As experiencias do hidro-geo-cicle do sr. Fernando de Figueiredo



O novo ministro da Grecia em Lisboa



O general medico Dr. Guilherme José Ennes



O velho republicano Silva Cunha, falecido recentemente

PARTIU para Dakar, onde vae exercer o logar de consul, o poeta Silva Passos.

Apresentou as suas credenciais o sr. ministro da Grecia, e, na doca de Alcantara, o sr. Fernando de Figueiredo apresentou a sua bicicleta maritima.

O empresario Augusto Gomes, do Apolo, deu um almoço aos cooperadores da revista «Pam». Faleceram o general escritor Guilherme José Ennes e o sr. Silva Cunha. Taes foram as atualidades da semana.

VIDA LITERARIA

LIVROS E AUTORES RECENTES.



Alfredo Pinto (Sacavem),
autor das «Cartas de
Cintra»



J. Aleixo Ribeiro Junior,
autor das
«Ilusões que passam»



José Sebastião Pacheco,
autor de um excelente
«Roteiro de Lisboa»



Mannel Ribeiro, autor
do romance
«A Cathedra»



O poeta brasileiro
Luiz Edmundo,
autor do livro
«Rosa dos ventos»



Francisco Gavião de Lacerda,
autor das
«Cartas da Zam-
bezia»



Carlos Parreira, autor
do livro «Byzancio»



Nuno Catarino
Cardoso, autor
do «Cancioneiro
da Saúde e da
Morte»



João Maria Ferrelra,
autor do livro
«Fiorilegio»



O Huztre escritor Manuel da Silva Gayo, autor do volume «Roma e suas conquistas»,
no seu gabinete de trabalho, em Coimbra.

O nosso movimento literario encontra-o o leitor n'esta pagina. Livros e autores dos que teem marcado no momento atual são estes, prosa, verso, croni-

cas, romances, viagens, observações, erudição, antologias, e até um roteiro d'esta Lisboa, «terra de muitas e desvaradas gentes».

1841-1920

*Casa fundada em New-York em 1841
Estabelecida na Europa desde 1857*

R. G. DUN & Co.

Agencia Internacional para o desenvolvimento e protecção do commercio

A mais antiga e a mais importante agencia

DE

INFORMES COMERCIAES

COM

248 SUCURSAES PROPRIAS ESTABELECIDAS POR TODO O MUNDO

EDITORES

DO

Livro de Referencias sobre o CREDITO e o CAPITAL

Dos comerciantes e industriaes estabelecidos na America do Norte e Canada

E DA

Revista Internacional de Dun

Publicada em New-York em Portuguez, Espanhol,
Francez e Inglez para o desenvolvimento da industria e do comercio internacional

Central para PORTUGAL: 103, Rua do Comercio-LISBOA
Sucursal: 10, Rua do Almada-PORTO

M. FONT

Director geral para a Europa Occidenta



A. MASCARÓ

Director para Portugal e Colonias



NAO SOMOS NÓS QUE
O DIZEMOS MAS SIM OS
QUE USAM A MAQUINA

WOODSTOCK

-E A MELHOR.

VENDEDOR
EXCLUSIVO
PARA
PORTUGAL
E COLONIAS

J. GONCALVES
RUA DO AMPARO-66-3º
LISBOA TELEGRAMAS
TELEFONE C.4190 WOODSTOCK

M. ME VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE



Tudo esclarece no
passado e presente e
prediz o futuro.

Garantia a todos os
meus clientes: com-
pleta veracidade na
consulta ou reembolso
do dinheiro.

Consultas todos os
dias uteis das 12 ás 22
horas e por correspon-
dencia. Enviar 15 cen-
tavos para resposta.

Calçada da Patriar-
cal, n.º 2, 1.ª. Esq. (Cl-
mo da rua d'Alegria,
predio esquina)

Este homem conhece vosso

passado, presente e futuro

O seu poder maravilhoso surpreende
todos aqueles que o consultam e que
teem beneficiado dos
seus conselhos.

Se V. Ex.ª deseja con-
hecer a sua vida e
receber GRATU-
TAMENTE uma
Leitura de Ensaio,
queira enviar: o seu
endereço, data de
nascimento (dia,
mez e ano) escripto
bem ligivelmente
pela propria mão de
V. Ex.ª) ao Professor POZZO, Rua
de Seine N.º 12, Paris, França.



Os pedidos devem ser acompanhados de
20 centavos em sellos, para gastos de cor-
reio e de escriptorio, mas roga-se a fineza
de não enviar dinheiro em moeda dentro
do sobrescrito.

ELIXIR, PÓ, PASTA E SABAO
DENTIFRICOS DOS RR. PP. BENEDICTINS
de SOULAC

*Incomparaveis, Superiores
a todos dentifricos conhecidos*

REPRESENTANTE E DEPOSITARIO PARA PORTUGAL: A. VINCENT, Rua Ivens, 56, LISBOA

SUPLEMENTO
NUMÉRICO DE

O SÉCULO



Director: ACACIO DE PAIVA

Propriedade de: J. DA SILVA ORAÇA, Límh.º

Redação, Administração e Oficinas — Rua do Século, 43 — Lisboa

DESCRENÇAS



— Então, amigo Antonio, falaste aos peixes?
— Nem esses me quiseram ouvir, amigo Pedro. Estão soberbões, desde que não ha vaca.



PALESTRA AMENA

Os carros electricos

Reuniram alguns accionistas da Companhia Carris de Ferro, que explora a viação electrica em Lisboa, e depois de varias discussões assentou-se n'uma representação qualquer, que deixa supôr a hipotese de, mais dia menos dia, ficarmos privados d'aquella comodidade. Parece que, em vista do aumento das passagens, superior a cem por cento, o publico dispoz-se a andar a pé, sempre que lhe fosse possível, de onde uma tal diminuição de receita que a Companhia estaria em vespas de falencia, ou coisa semelhante.

Varias lições se tiram do facto e não é necessario ser-se observador de grande agudeza para as aperceber. A primeira é que, por fim de contas, não era por necessidade que muitas pessoas se metiam nos carros electricos; a vida cittadina faz-se, sem alteração sensível, como se fazia antes do aumento das passagens e até é provavel que se faça com mais hygiene do que d'antes, porquanto é sabido que uma caminhada, não sendo em demasia, favorece certas funções do organismo. Havia menino que não podia ir ao Terreiro do Paço ao Rocio senão de carro, quando o bilhete custava só dois centavos; agora, que custa quatro — salvo o erro — já pode transpôr essa curta distancia a pé.

Depois, fez-se o descongostamento nos carros, o que foi outra vantagem, resolvendo-se um problema que se afigurava insolúvel. O espectáculo dos cachos humanos pendurados nos estibos, das camadas sobrepostas, de passageiros, dentro dos carros, com todos os inconvenientes da promiscuidade, cessou completamente.

Mais ainda: os maus modos dos condutores, a soberba e insolencias d'alguns desapareceram tambem; agora não é raro um condutor dar-nos dinheiro miúdo, pedir-nos por favor «se temos um centavo» e dedicar-nos um sorriso se correspondemos ás amabilidades com amabilidades...

Ora se tantas vantagens advieram do retratamento do publico, em vista das exigencias da Companhia e do pessoal, se mesmo a perspectiva de ficarmos sem electricos por algum tempo não nos causa um susto por aí além, por que motivo não procede o publico para com as outras entidades, que elevam escandalosamente os preços, como n'este caso procedeu?

Quem é que não tem calçado e fato para um ano ou mais, não se importando que um fato tenha de ser remendado e que as botas apareçam cambadas? Pois então não se comprem fatos nem botas, nem muitas outras coisas, que custam exageradas quantias, e ver-se-ha que outro problema, tambem aparentemente insolúvel, deixará de nos moer a paciencia e o juizo.

Para dar o exemplo, já hontem saímos com as calças rotas — e ninguém nos deu outras.

J. Neutral.

Teatro

Ora agora é que vamos ter actores e actrices a valer. A convite do nosso Julio Dantas reuniram-se ha dias n'uma sala do Conservatorio amigos e não amigos e, exposto o triste facto da decadencia teatral, foi resolvido, se bem lemos:

1.º—Que, de futuro, as emprezas só



reerutem pessoal entre as pessoas que tenham o curso da Escola de Arte de Representar; ou

2.º—que admitam extranhos, mas obrigando-os a previo exame na mesma escola.

Evidentemente, o sistema dá garantias de exito, provado, como está, que de tal estabelecimento de ensino tem saído cada artista que é mesmo uma beleza; mas—ha sempre um mas, ainda nos mais luminosos cometimentos — as criaturas que estão representando actualmente nos teatros sem o referido curso nem o referido exame?

Eis um «mas» que desaparece enquanto o diabo esfrega um olho. Obrigam-se essas criaturas ao exame e ou satisfazem, ou não: se satisfazem, continuam a representar; se não, outro officio.

Desde já pedimos a benevolencia dos srs. examinadores para as sr.^{as} D. Virginia, D. Lucinda Simões, D. Palmira Bastos, D. Angela Pinto, srs. Eduardo Brazão, Ferreira da Silva, Joaquim Costa, José Ricardo — e outros artistas igualmente de poucos meritos, que nunca passaram por Conservatorios e que, provavelmente, hão de atrapar-lhar-se no exame...

Ora vamos lá a experimentar o engenho dos srs. poetas nacionais.

Damos-lhes um mês para nos enviarem a tradução da poesia que se se-

Tenham a bondade de deitar os olhos para o seguinte telegrama:

«BUDAPEST, 15. — O ministro da Justiça submeteu á apreciação da Assembleia Nacional um projecto de lei restabelecendo as penas corporais contra os comerciantes de má fé, mas limitando o castigo a 25 varadas».

Bem sabemos que são poucas e que se perdem muitas que caem no chão; mas se entre nós, para experiencia, se empregasse desde já esse diminuto numero, a vêr o resultado que dava, não haveria que tributar senão louvores a quem decretasse medida semelhante.

Ou, se a varada repugna ao nosso sentimentalismo, poderiam lançar-se mão d'outros meios, para que os cavalleiros que em dois dias pedem pelo mesmo alguidar tres preços diferentes e progressivos, como contámos ha oito dias, passassem a contentar-se com os



ganhos razoaveis de qualquer comerciante honesto.

Acode-nos á idéa, por exemplo, o obrigar os tais traficantes a engulir o genero com que exploram o proximo, se se tratasse de genero alimenticio; agora se não fosse digerivel, como o dito alguidar, um par de botas, um chapéu de palha, etc., n'esse caso... tambem não seria mau que lh'o metessem pela boca abaixo, até darem um estouro, como uma cigarra.

Alérta, poetas!

Ora vamos lá a experimentar o engenho dos srs. poetas nacionais. Damos-lhes um mês para nos enviarem a tradução da poesia que se segue, da baroneza Fanqueux. Como premio á melhor tradução publicaremos, assim como a caricatura do felizardo:

Ne vouloir être rien...

*N'être rien qu'une femme aux yeux pleins de douceur,
Gâter ainsi qu'un ciel clair où l'alouette passe,
Simple, tendre, pareille au baiser d'une sœur,
Grave comme la nuit quand elle emplit l'espace.*

*Former de ses deux bras des berceaux aux bonheurs,
De sa voix apaiser la souffrance trop lasse,
Chanter l'hymne à la vie au bord même des pleurs,
Poser le beau courage en fierté sur sa face,*

*En sa poitrine ardente enfermer les soleils
Des frémissements, des chauds espoirs vermeils,
Les infinis d'amour dont peut se griser l'âme,*

*Et croiser doucement ses mains frères d'enfant
Au foyer qui s'éclaira à ce cœur triomphant:
Ne vouloir être rien, n'être rien qu'une femme.*



TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Crida Zefa du curassão:

Grassas a deus a minha ó fazer desta ó vóia i a mêmã te dezeijo i a tonda a noça familia á mãi. Lanso mão da pena pra te dezer en «As» in que te fallei á dias num postal nan é cumo tu julgas u de copas nein outro calquer ás indessente antes pello cuntrairo. O «ás» du ginasio é um ome que avó pur riba de tonda a fólha i lá na istranja xamam azes ós que avóam mais cus outros, isto é, que dão çota i az ós outros paçaros. Cando a O'senda de Oliveira entra in cena tonda desocupada a pelateia julgou infetivelmente que se tratava du tal ás indessente, mas nan cinhor; a caxopa caxe que mostra u ás, lá iço ó berdade, mas nan xega a mostrar as costas cenão inté á sintura, contando de riba, du pascosso; as pernas é que amostra caxe tondas—infin, pode ce dezer que afinal de contas amostra tudo u que noço einhor le deu menos u ás. E vai d'aim a Osenda, que é uma cocótia i diz que é cantora de café cunserto (canta que logo bebes) juron nan cer amavle durante a guerra cenão cum militares; ora u ator Alecrim que é paizano desfracece em «ás» melitar, — ella vê u «ás» i zás—cai cum elle. O's pois á munta trapalhada num ospital da cruz bermelha derejido pur um manjor (manjor tinha a avó dus tardutores, porque cempre oivi dezer que in francez «Major» é cirurjião, medico de regimento, etc. e que «Commandant» é



que cegnifica manjor) i u tal ospital é mas é uma grande pandiga, porque nan á lá duentes i as infremeiras andam num pagode cum u magalas. O's pois nan çon capaz de te espelicar mais mada porque cumesei a rir dênos u prensipio i çó acabei nu fim i era touda a jente á gragalhada que eu nunca vi cumedia mais ingrassada. Inté já me alimbrei de tu cá viros cum a piquenada çó pra ce rirem e nan pinçares na arelia que me contas de ai nan teres vacalhau, nim açuere nim coisissima nenhuma que nós aqui grassas a deus, tamem nan temos nada. Nan vendas pur inquanto as batatas nim u azete porque ça coisa açim cuntinna temos a noça fortuna fêta cum us dez alqueres de ba-



Jerolmo, Empreziario do Pauliteama de Peras Rutvas.

tata que culhemos i us cinco litros de azete da noça olivêra. Pur oje nan çon mais istenso i mandute um brasso apreadiceimo i soidades ós caxopos i a quem pur mim pregóntar. Tê marido á fasia da ingreja inté ó feturo.

Recebemos

... um pequenino almanaque, annunciando 20 sonetos de Delfim Guimarães, «O livro de bebé», decerto belos e inspirados, e acompanhando um maxixe, com o mesmo titulo, de Profirio da Cruz. Agradecemos a oferta e n'esta data vamos executar a musica no unico instrumento que tocamos, o berimbau. Diremos depois se é boa ou má.

Rusga aos mendigos

Teem-se repetido n'estes ultimos dias, com feliz resultado, as rusgas aos mendigos nas ruas da capital, achando-se o pateo do governo civil cheio d'estes desgraçados. O mais curioso é que não se trata de vadios, como se pode ver dos seguintes interrogatorios, a que teem assistido os nossos reporters:

- Sabe porque foi preso?
- Sei, sim, senhor. Por andar a pedir esmola.
- E por que pedia esmola?
- Porque sou chefe d'uma repartição do Ministerio das Finanças...

Principio de interrogatorio, o mesmo.

—Então porque andava a mendigar?

EM FOCO

O Espreita

Querem saber quem é o amigo Espreita? É o açambarcador. Tudo arrecada; Finge que lá na loja não tem nada E a tulha já por fóra quasi deita.

Chega a fome, por fim; ele aproveita, Lança a mercadoria sonogada E ganha dez milhóes d'uma assentada, Deixando toda a gente satisfeita.

Por saber espreitar, vai como o vento, Esse que foi um miiserio tendeiro No seu auto veloz e de espavento!

Lá corre o meu riquissimo dinheiro! Lá passa o juro de 2 dois mil por cento! Que falta que me fêz um marmeiro!

BELMIRO.

—Porque só gganho 300\$000 réis por mês.

—E não lhe chega?

—O sr. guarda! Faça a conta: 250\$000 réis para renda i de casa, 50\$000 réis para a lavadeira...

—Basta, basta!

—Como se chaama?

—F...

—Vadio, já see sabe?



—Qual! médico: medico é que eu sou.

—E andava a pedir esmola?

—E depois? Sou medico mutualista...

—Quê? v. ex.^a, um proprietario tão rico, a mendigar?!

—Admira-se??

—Admiro; não sei explicar...

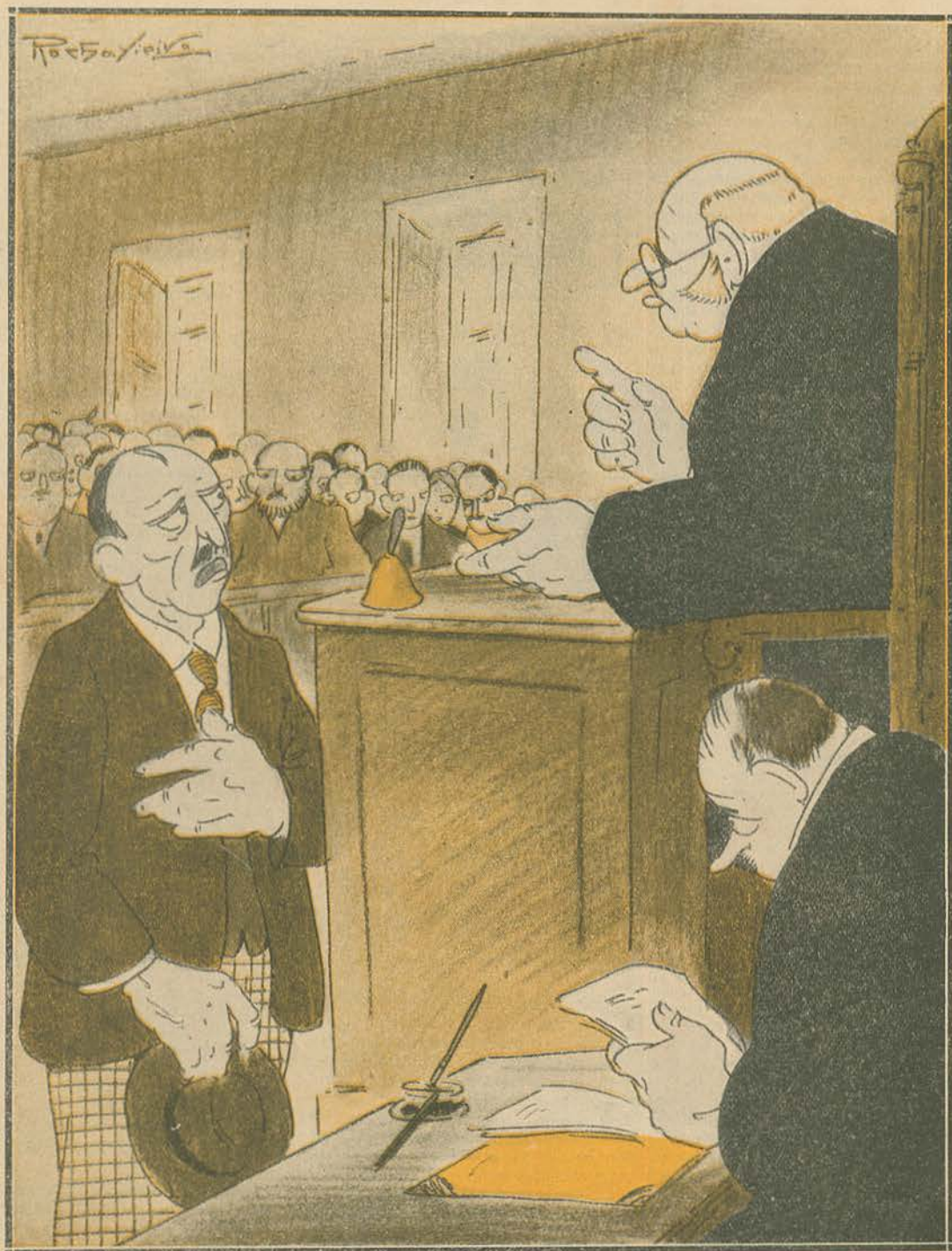
—Pois é facil: lancei mão d'este meio, para ver se arranjava trocos...

Indemnizações

O governo alemão, ou o quer que é, concedeu os seguintes subsidios aos ex-principes reinantes: ao duque de Meiningen, 7 millhões de marcos, a antiga familia reinante de Gotha, 21 milhões e ao príncipe Rudolfo 550.000 marcos,

O mais bonito é que toda esta dinheiroma lhes é attribuida a titulo de... indemnisação — ppor terem tido o trabalho de nascer éde ventres reais!

EXPLICAÇÃO



— O reu tratava mal sua mulher e a autopsia revelou que ela morreu envenenada. Como explica o facto?

— Tinha comido meio pão ao jantar, sr. juiz,...